INSPIRADO E FEITO PARA THE WALKING DEAD #RP

*PARA UMA VISUALIZAÇÃO MELHOR, LER EM MODO LAYOUT DE IMPRESSÃO.

ATENÇÃO; Se o leitor for sensível, é recomendado que não leia. Pode conter gatilhos como sangue, gore, menções terroristas, morte, mordida, infecção, pensamentos, menções, tentativas suicidas, necrose, entre vários outros.

Se ler, o dono não irá se responsabilizar por danos. É por **SUA** conta e risco.



Unlucky me, who knows way too much.
Fighting to change, to survive and such.
Unlucky me, aware of the pain,
All 'cause I happen to bring the boy without some brain.

Adrian, pronto para sair da cozinha e chamar por Leonard para irem para o próximo ponto de fast-food ao lado, congelou ao ouvir o grito que ecoou do banheiro. Seu corpo travou por completo, sua mente dando curto circuito o impossibilitando de, por um segundo, um único segundo, pensar no que fazer ou agir. O primeiro instinto do homem foi, como de vários outros fariam, correr, fugir, deixar Leonard. Mas Leonard não era um garoto qualquer. Adrian havia o criado e o transformado em homem. Ele saberia lutar, sobreviver, mas Adrian não deixaria aquele garoto, seu garoto, sozinho. Largando a mochila, sacou uma faca de chefe embaiada na bota e correu em direção aos fundos para o banheiro. Por lá, viu Leonard derrubado no chão, chutando o zumbi em uma tentativa de o tirar de cima de si. Adrian tinha que agir rápido: matar o zumbi, agarrar Leonard, as bolsas, e partirem correndo dali antes que mais zumbis invadissem o ponto de venda alimentar. Com um grunhido irritado, Adrian avançou em cima do morto-vivo,

empurrando-o com o ombro para longe de Leonard e cravando a faca em sua cabeça, imediatamente o matando. Sem parar para pensar, puxou Leonard para cima, sua respiração ofegante pela onda repentina de adrenalina.

— Vamos, vamos, garoto!

Ordenou entre dentes arrastando Grimm para fora do banheiro, seu coração palpitando fortemente com cada batida na porta, cada grunhido, chiados roucos, gemidos. Engoliu em seco. Olhou por cima do ombro para conferir Leonard rapidamente conforme se apressava. Vislumbrou as mochilas e grunhiu. Eles precisavam de mantimentos com urgência! E haviam armas dentro da sua! Com um sibilar, pegou a própria, deixando a que estava com alimentos em cima da chapa, sem preocupações além de sair vivo com o mais novo. Parou na porta, usando o peso para evitar que a porta fosse derrubada precocemente. Olhou para Leonard e apoiou as mãos nos ombros do rapaz, forçando contato visual.

— Tudo bem, você vai ficar bem. Vamos perder munição, garoto, não hesite em atirar nessas coisas e fique atrás de mim, entendeu?

Recebendo um aceno firme, embora com olhos arregalados e respiração trêmula, se virou. Puxou a glock, o dedo já preso no gatilho enquanto soltava a trava de segurança. Abriu a porta. Os primeiros dez zumbis entraram em massa, como uma represa estourando. Caíram um a um, com a dupla mirando nas cabeças das coisas. Fora um tanto difícil passar por cima deles, mas conseguiram. Cada segundo que perdiam, mais zumbis chegavam, gemendo, grunhindo, desesperados por comida. Adrian, com uma mão para trás para manter Leonard longe, olhava para os lados, atirando nas cabeças dos caminhantes que conseguia, errando algumas balas pela pura adrenalina.

— Anda, Leonard! Corre!

Gritou. Aquilo havia saído totalmente de seus planos! Eles chegariam, se abasteceriam e iriam embora! *Simples*. Mas a vida agora nunca era simples, e agora os dois homens corriam dentre mesas e cadeiras, desviando o máximo que conseguiam dos zumbis.

A vida agora nunca era fácil.

Desviando de uma mesa, Adrian desviou a atenção para tirar apressadamente uma pistola d'onde a guardava, acabando por tropeçar e se apoiar em uma cadeira. Um erro tão simples, tão ridículo, e atrás, mãos podres com pele esverdeada pela decomposição agarravam Adrian, a coisa gemendo e se inclinando, mordendo Adrian diretamente na junção pescoço-ombro. Este, tentou recuar e falhou, a carne audivelmente se rasgando sobre dentes pretos com a putrefação acumulada nos esmaltes dentários. Adrian não evitou gritar com a dor excruciante que atingiu seu corpo, a enxurrada de bactérias entrando de imediato na corrente

sanguínea, o instinto viral da necropses buscando o caminho para o cérebro em um corpo que tentava lutar contra o que quer que fosse aquele intruso, fracassando em utilizar das células de defesa. A partir dali, aquilo era um ponto perdido. Adrian, com a visão borrada de lágrimas de dor, sua cabeça recebendo alfinetadas internas, gemeu ao ser arrastado pelas mesas. Podia ouvir a voz de Leonard, mas não conseguia compreender de imediato o que diziam.

— Adrian! Adrian, fique acordado! Fique acordado! Por favor, *por favor*!

Ele gritou, desesperado, seu rosto jovem banhado em lágrimas. Com tanto peso extra, só se atrasaria em fugir. Largou a mochila atrás de uma lixeira, apoiando melhor o peso de Adrian sobre o ombro esquerdo, caminhando em passos ligeiros em busca do primeiro lugar que pudesse se esconder. Parou no meio do caminho, olhando desenfreado a volta. Lojas seriam impossíveis, os encontrariam rápido.

Subir as escadas não adiantaria, Adrian estava começando a ficar cada vez mais pesado. Seus olhos miraram, na pressa, em um banheiro. Teria que ser ali. Quando foi retomar o passo, desta vez, quem gritou de dor foi Leonard, que foi mordido no ombro. Puxou sua faca da bainha, enfiando-a no meio da testa do zumbi antes que este arrancasse um pedaço seu. Grunhindo, puxou Adrian para perto de si, passando o braço dele pelos ombros, guardando a faca de qualquer jeito e levando a mão direita para segurar com força o pulso de Adrian, querendo sentir seu pulso dentre o caminho, rezando, suplicando, para qualquer voz maior ou divindade, que não os deixassem morrer. Sentia a mordida pulsar, latejar, o sangue escorrendo livre pela camisa que havia trocado.

— Por favor, *por favor, por favor,* ***por favor!***

Soluçou chegando ao banheiro, o único lugar estranhamente vazio para um shopping. Leonard não pensou inicialmente naquilo. Trancou a porta e

apoiou Adrian contra a parede, o ajudando a se sentar.

— Adrian, Adrian, *por favor, por favor, fique comigo, não feche os olhos, fique comigo!*

Sussurrou desamparado, suas mãos agora focadas em rasgar um pedaço da camisa e fazer um curativo improvisado, como uma criança fazia ao quebrar um brinquedo. A diferença, era que os brinquedos podiam ser antes concertados. Pessoas mordidas não. Adrian, ofegante, gotículas de suor já formadas em sua testa e escorrendo pelas têmporas, ergueu a mão direita, a pousando no antebraço de Leonard e apertando fracamente.

— Garoto, ei, ei, *ei*.

Ofegou.

— Não dá. Não precisa tentar. *Eu não vou sobreviver*. *Nós* não vamos. Fomos mordidos, garoto.

Engoliu em seco, uma risada fraca escapando. Quem diria que ele, Adrian Lyanf, aposentado do exército, veterano de guerra, morreria assim, mordido, sangrando em um banheiro de cheiro pútrido em um shopping, com um garoto de vinte e um anos soluçando para ele não fechar os olhos? Suspirou, profundo e trêmulo, abrindo um rato sorriso tranquilizador que não faria nada para amenizar os danos causados. Sua mão caiu ao lado do corpo, abrindo o coldre da cintura.

— Vamos lá, garoto... Vai ficar tudo bem...

Sussurrou, sua voz começando a cair.

— Nos vemos do outro lado...

Terminou, sua cabeça lentamente deslizando contra a parede até cair de lado, seus olhos se revirando na inconsciência febril.

Leonard, entre soluços, negou com a cabeça várias vezes. Se aproximou, puxando o corpo de Adrian contra o próprio, abraçando o mais velho com firmeza. Afundou o rosto nos cabelos negros, negando com a cabeça.

— Eu me recuso... Eu me *recuso*, Adrian...

Fungou ajeitando a pegada, se balançando suavemente para frente e para trás por minutos antes de Adrian ofegar de novo e grunhir frustrado por Leonard não ter finalizado o serviço. A febre, naquele ponto, já estava consumindo os dois em um calor delirante insuportável no início da desidratação. Adrian levantou lentamente a cabeça, se sentindo fraco demais pela perda de sangue, que começava a coagular e se tornar espesso e mais escuro. Abrindo um pequeno sorriso, recomeçou:

— Sabe a minha cicatriz? Essa aqui?

Perguntou erguendo um dedo da mão caída e apontando para ela. A cicatriz cortava da sobrancelha até abaixo do masseter, pegando o maxilar em uma linha fria, antiga e cicatrizada. Leonard olhou para os olhos de Adrian, engolindo em seco. Balançou a cabeça uma vez em aceno.

— Ganhei em uma missão de guerra. Éramos sete no grupo...

Riu anasalado.

— Eu fui coordenado como líder do grupo. Estávamos espalhados por todo o distrito procurando os filhos da puta que iniciaram aquela merda toda e enfiaram terrorismo no meio.

Suspirou.

— As casas estavam abandonadas de qualquer jeito. As pessoas tiveram pouca oportunidade de pegarem seus pertences ou qualquer porra que achassem

importante levar... Várias se encontravam já destruídas.

Uma pausa. Sua mente delirante pregando-lhe peças. Se forçou a se concentrar.

— Entramos em uma qualquer para poder averiguar armamento e nos localizar pelo mapa.

Engoliu em seco.

— Três do meu grupo subiram as escadas para verificar o perímetro e avaliar as proximidades. Os filhos da puta jogaram uma bomba sobre nós... *Hmf*, uma maldita bomba, uma maldita bomba que estraçalhou aqueles três homens. Eu podia ver tripas de um deles escorrendo na janela da casa da frente.

Engoliu um refluxo.

— Nós, os quatro que ficamos, saímos com armas em punho só para sermos cercados. Dois dos meus

homens morreram com a cabeça estourada e os miolos escorrendo na farda dos inimigos. Eu e o outro cara que restou... Zack, seu nome, atiramos nos outros. Conseguimos matar um e ferir três. O quarto pegou esse cara por trás e degolou ele. O sangue jorrou por todo o chão. Estava tudo vermelho, como tinta... Viva...

Gemeu baixinho de dor, revirando um pouco os olhos. Não os deixou fecharem, forçou a abertura e fixou-os em Leonard.

— Enquanto aquele merda se divertia com meu amigo engasgando, eu atirei na cabeça dos outros.

Sorriu, quase sádico entre a loucura das memórias. Era como se estivesse de novo ali, revivendo tudo.

— E aí aquele verme veio pra cima de mim e me cortou o rosto. Eu empurrei ele e caímos comigo em cima dele, aquela faca descendo ainda quente do sangue do meu camarada.

Seu sorriso alargou.

— Atirei na cabeça dele por baixo, pelo queixo. Os olhos dele pularam para fora, garoto, você tinha que ver!

Exclamou em um riso, então engasgou com a dor. Sibilando, se esforçou em pegar a arma, apontando pelo queixo, o cano morno.

— Vamos lá, *filho*, faça isso.

Inspirou rouco, os olhos nunca fugindo do contato visual. Sentiu as mãos trêmulas de Leonard agarrarem a pistola, o rosto jovem banhado em lágrimas e corrimento nasal. O "filho" não passou despercebido, arrancando um puxar suave dos cantos labiais de Grimm.

— No fundo, você ainda é só um pirralho, *mh*?

Perguntou acompanhando Leo pressionar a arma na testa. Respirou aliviado.

— Te vejo do outro lado, pirralho. Tenho orgulho de você pelo quanto conseguiu crescer em pouco tempo.

Fechou os olhos. *Três...*



Adrian Lyanf não terminou a contagem.

O tiro ecoou pelo banheiro e fora. Sangue espirrou no mais jovem, o mais espesso começando a escorrer pela testa de Adrian, revelando o quão rápido a necropses estava ativando o vírus adormecido em seu corpo. A pistola caiu das mãos de Leo, o baque metálico fluindo dentre as paredes. Lágrimas mais fortes desciam por suas bochechas, uma mão subindo até a boca para abafar soluços e gritos. Com a livre, levou-a até a cabeça de Adrian, passando delicadamente a ponta dos dedos para tirar uma mecha de cabelo que estava grudando em volta do círculo quente do tiro. Seu estômago embrulhou violentamente com a visão grotesca da mistura de sangue e miolos. Virou a cabeça para o lado, negou diversas vezes quando sua própria febre o consumia. Aos poucos, seu choro foi caindo pela exaustão. Com o corpo cedendo, se ajeitou, deitando a cabeça em cima de uma coxa de Adrian e puxando os joelhos até o peito. Fungou uma última vez antes de ficar inconsciente em posição fetal.



Such an lonely day, and it's mine.
The most loneliest day of my life.
Such an loneliest day should be banned.
It's a day that I can't stand.

Leonard entrava e saía da névoa dos desmaios, seus olhos vendo borrado enquanto o suor escorria pela testa. Seu cabelo já estava úmido, grudado na pele,

abaixo das axilas com manchas gigantescas do suor, como peito e costas. Seu rosto manchado por sangue que não era seu e um corte que conseguiu de forma que não se recordava. Em uma tentativa, puxou a pistola com uma mão fraca e trêmula. Tentou apertar o gatilho, mas seus dedos estavam trêmulos e não se firmavam. Apagou de novo.

Por fora, Leonard era apenas um homem sem salvação.

Por *dentro...*

As bactérias do biofilme da mordida do zumbi, ao entrar em contato com a carne crua, viva, vinda de uma boca morta, destruíram rapidamente o tecido vivo em torno da mordida com enzimas, liquefazendo a carne e hemácias, a ação rápida deixando a pele avermelhada em volta enquanto o vírus buscava pelo sistema nervoso um caminho ao cérebro. Um vírus como o Wildfire, feito a um propósito de prolongar vida, tão despojadamente

agora se alimentando da carne de um homem, tomado pelo alto cortisol, ansiedade e a adrenalina, três fatores que contribuíam em vulnerabilizar as pessoas abaixando suas defesas, dando um prato cheio para o vírus zumbi. Por dentro, macrófagos e neutrófilos corriam pelo sistema nervoso em direção ao ataque repentino, as células entrando em uma onda de cascata para conter a infecção rápida por ondas de fagocitose incomuns ao corpo em sua velocidade anormal. Macrófagos rapidamente morriam, cada célula se suicidando a favor de ajudar o corpo a se recuperar. Estes, que conseguiam sobreviver ao ataque, conseguiam pegar pequenas partes das infectadas, encaminhando-se pelo corpo até os linfócitos B e T, linhas de defesa primária e secundária mais os auxiliares que examinavam e processavam as partes afetadas das hemácias contaminadas de forma bizarra em seu processo de luta infecciosa.

Em um momento de consciência, Grimm soltou um grito esganiçado, arqueando a coluna para fora do

chão e engasgando, sentindo agulhadas em seu ombro que pareciam picadas de vespas que não pretendiam parar. Com a mente confusa, diversas memórias vieram à mente, o fazendo falar e gritar.

— Não! Faz parar!

Soluçou. Se via como o garoto de sete anos que testava uma terapia experimental para gente como ele, imunologicamente comprometidos, que adoeciam fácil. O custo de medicamentos em sua época eram caros e sua mãe, sozinha, não podia pagar toda vez por eles. Quando a experimentação do tratamento saiu? Arrastou Leonard para o hospital ao tratamento. Se lembrava das agulhadas. Esquivou inutilmente no chão, o corpo sacudindo-se em uma convulsão em meio a outro grito.

— Faz parar! Faz parar!

Chutou fracamente o ar, a dor correndo por seu peito, seu coração acelerado ao pânico do flashback,

suas costas formigando com a sensação das agulhas penetrando querendo extrair conteúdo da medula e inserir o líquido modificado para tratar a imunodeficiência. O que não esperavam àquele tempo era que as injeções não apenas auxiliariam criação de linfócitos, mas que subiriam de sua lombar para circular pelo corpo, alcançando o crânio, o cérebro, fluindo pelo córtice, uma parte ficando ali para se acoplar, outras percorrendo pelo hipotálamo, que rege grande parte dos hormônios e funções, também se grudando ali, fechando canais cerebrais que, naquela hora, naquele segundo, o vírus tentava passar pelas portas e desativar o controle que seu corpo ainda tinha sobre si mesmo, tentando tomar o controle sem sucesso algum. Aquelas injeções, de anos atrás, cujo seu corpo aceitou a troca real por modificados, se tornou uma mutação. Uma que o vírus não conseguia fazer as ligações do tronco e girar a chave mestra que o transformaria em zumbi. Os receptores mutados, *deformados* que rejeitavam o encaixe. Pela primeira vez na história humana desde o escape do vírus...

Um homem podia sobreviver. As células aglomeradas na base do cérebro foram um prato cheio para linfócitos restantes que forçavam o gene zumbi a recuar e mesclar ao corpo como uma simbiose amaldiçoada. Por um segundo, seu corpo parou. Pulmões não expandiram, átrios e ventrículos não contraíram e uma expiração rouca escapou dentre os lábios de Leonard. A febre, a queimação, tudo foi cortado como uma fatia de maçã era por uma faca afiada. Foi limpo. Certeiro. O tremor de seu corpo, as convulsões, tudo se cessou em um corpo flácido no chão. Os átrios bateram. Os pulmões expandiram. Ar fresco entrou e saiu cheio de CO2. Sangue passava pelas veias e artérias, retornando a regar o corpo.

O silêncio no banheiro era sepulcral. Do lado de fora, distante, gemidos e grunhidos ainda eram ouvidos dos mortos que procuravam suas presas inacabadas. Leonard, inconsciente, não sentia a sensação estranha de seu corpo cessando a dor no ombro ou o líquido purulento recém formado

escorrendo em direção ao chão, misturado ao sangue. Espesso. Enegrecido. Mesmo com o vírus mantido sob controle do corpo, o preço que foi usado para isso foi caro. A temperatura de Grimm caiu ao nível de uma hipotermia leve, mantendo-se na constância para não elevar e agitar o vírus. Em consequência, seu metabolismo pôde ser diminuído, como a fome, tudo para dar menos trabalho para o corpo gastar menos energia do que já estava fazendo controlando o patógeno. Permaneceu desacordado durante horas até acordar com um gemido fraco, exausto. Abrindo os olhos, Leonard viu tudo borrado por alguns segundos até encontrar seu eixo de volta. Se sentando, sentindo a cabeça martelar pela desidratação, gemeu novamente. Levantou uma mão, franzindo o cenho de imediato. Era ele quem estava controlando o corpo, ou se sentia em um sonho e era controlado pelo quê seu corpo era agora?

— Adrian...

Sussurrou, estranhando a própria voz. Desviou o olhar para o corpo sentado, moscas que tinham aparecido pelas frestas nos vidros já depositando ovos pela pele que tomava início na putrefação. O sentimento de culpa pelo que fez imediatamente tomou Leonard, mas dessa vez ele não chorou. Não conseguia. Seu corpo se recusou sabendo que os batimentos aumentariam e o vírus poderia tentar tomar tudo de novo. Uma única lágrima escorreu pelo lado direito. Envergonhado, se arrastou para frente sob os joelhos e se deitou com a cabeça no colo de Adrian, fechando os olhos, sentindo sua respiração baixa, batimentos bradicardicos e o cansaço lhe tomando conta, o fazendo dormir.

Cientificamente, infecções são boas para criar no ambiente a chance do corpo de criar imunidade contra patógenos.

. . .

Leonard não estava morto. Tecnicamente também não totalmente vivo.